



## | Opinião |

## NATO - mais do que o código postal em Lisboa

A Cimeira de Lisboa da Aliança Atlântica cumpriu os objectivos. Definiu o novo Conceito Estratégico centrado na segurança cooperativa, através de parcerias estratégicas, nomeadamente com a ONU, a UE e a Rússia, numa era em que reconhece não poder ser "polícia do mundo" sozinha e em que as ameaças à segurança dos Aliados são muito diversas das do século XX. Estabeleceu também um calendário para a retirada das tropas do Afeganistão.

Depois da Guerra Fria, a NATO tornou-se numa aliança político-militar híbrida: de garante da defesa territorial através da dissuasão, tornou-se instrumento de gestão de crises e de manutenção da paz na Europa (Bósnia, Kosovo). Mas ao envolver-se fora do teatro europeu, no Afeganistão, deparou-se com crescentes dificuldades operacionais, perdendo confiança no conceito dessa missão e na própria direcção estratégica da Aliança.

O novo Conceito Estratégico reflecte algumas das lições aprendidas: a NATO define-se como aliança regional defensiva, mas tem de fazer face a ameaças que são globais, não conhecem fronteiras e exigem respostas novas e diversificadas: do terrorismo, às armas de destruição massiva,

passando pelos ataques cibernéticos, as consequências podem ser devastadoras e não podem ser prevenidas ou combatidas apenas através de meios militares. A NATO precisa, assim, de desenvolver uma panóplia de capacidades civis e políticas, a par de novas capacidades militares (como o sistema de escudo anti-missil que planeia articular com a Rússia), e utilizá-las em parcerias a desenvolver com a ONU, a UE, a OSCE, a União Africana, etc..., participando em missões de paz e gestão de conflitos, na reforma dos sectores de segurança pós-conflito ou em forças de reacção rápida para missões (incluindo de assistência humanitária), sempre com mandato limitado e ancorado no direito internacional.

Houve, no entanto, uma oportunidade perdida nesta Cimeira: a NATO não se libertou ainda da velha doutrina da dissuasão nuclear, nem do incitamento à proliferação que a resulta da existência dos seus arsenais nucleares. Perdeu a oportunidade aberta pelos apelos de Obama por um mundo livre de armas nucleares, pela Revisão da Postura Nuclear dos EUA e o novo Acordo START assinado pelos EUA com a Rússia. Tudo porque a França (na linha do mais conservador *establishment* militar e político americano) fez finca-pé no poder dissuasivo do arsenal nuclear da



A NATO ficou presa de um compromisso cheio de contradições: por um lado promete "criar condições" para chegar ao mundo sem armas nucleares; por outro, diz que "enquanto existirem armas nucleares, a NATO permanecerá uma aliança nuclear"

ANA GOMES  
Eurodeputada

NATO (o que seria da França e da Grã-Bretanha sem os seus arsenais nucleares, como ainda teriam estatuto de membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU?). Foi, assim, derrotado o grupo de Aliados, liderado pela Alemanha, que pretendia que a NATO fosse consequente com o objectivo de um mundo livre de armas nucleares - que ficou, apesar de tudo, no Conceito Estratégico - e iniciasse a retirada das armas nucleares tácticas (americanas) da Europa e o desmantelamento dos arsenais nucleares dos Aliados.

A NATO ficou presa de um compromisso cheio de contradições: por um lado promete "criar condições" para chegar ao mundo sem armas nucleares; por outro, diz que "enquanto existirem armas nucleares, a NATO permanecerá uma aliança nuclear". Isto, apesar de admitir no mesmíssimo Conceito Estratégico que a proliferação nuclear vai "agudizar-se em algumas das regiões mais voláteis do mundo"... Porque este é o problema real, hoje: se as potências da NATO não dão o exemplo no desarmamento gradual, a que estão obrigadas pelo art. VI do Tratado de Não Proliferação Nuclear, como hão-de esperar que outros Estados (do Irão, passando pela Coreia do Norte ao Brasil) não se esforcem por adquirir armas nucleares? Armas que cada dia estão

mais perto de cair em mãos irresponsáveis (de actores não estatais ou num país com as fragilidades do Paquistão, por exemplo).

Para Portugal esta Cimeira tem implicações, além das mudanças que vão ficar na história da NATO com o código postal de Lisboa. Ficou, mais uma vez, demonstrado que Portugal tem capacidade para organizar grandes eventos com importantes contingências de segurança. Fez bem o Primeiro-ministro em correr a agradecer à PSP o esforço organizativo que garantiu a segurança da Cimeira. Ainda mais notável quanto falharam os esperados blindados ... que, afinal, não fizeram falta nenhuma. Cabe agora mostrar que, nesta drástica mudança de vida que a crise económica nos impõe, Portugal não sabe apenas organizar, mas também sabe organizar-se. E isso implica não passar uma esponja pelo que falhou: importa apurar quem foi responsável pelo falhanço dos blindados e outro equipamento encomendado para a PSP, quem decidiu, quando, como, porquê, havendo a possibilidade de os pedir emprestados à GNR. Como os vamos pagar e a quem, através de que engenharia financeira? É preciso que alguém responda por isto no Ministério da Administração Interna - organizarmos Portugal implica não continuarmos a blidar a irresponsabilidade. ■